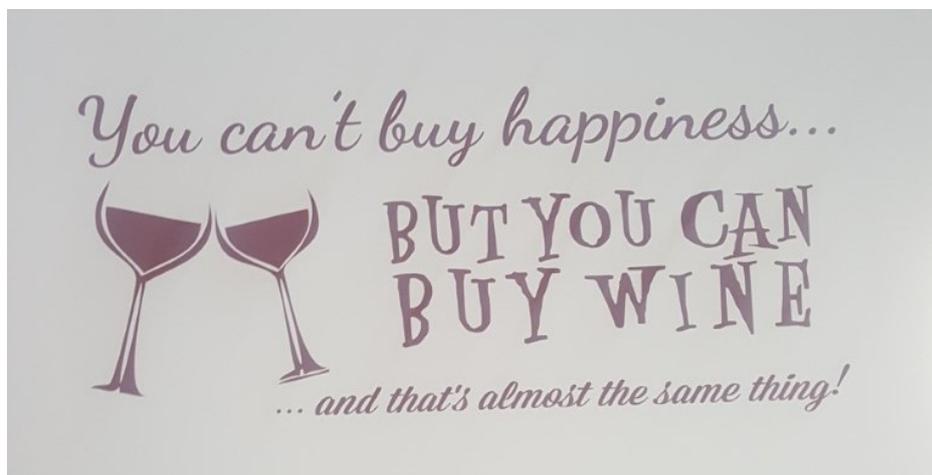


Crónica 212 CABRITO A MORRER DE SEDE 26.9.18

Estive há dias com a família num dos meus recantos favoritos do Pico, o Cabrito, e qual não foi o espanto quando o meu filho (na imagem) bateu a uma porta a pedir água e lhe disseram que a água ainda não chegara lá....



Foi então que entendi um letreiro que vira num restaurante, nessa manhã,



Longe vão os tempos em que o Pico era um quintal da rica fidalguia faialense com seus solares. como escreveu Victor Rui Dores

“Durante séculos imperou, nos Açores, nomeadamente nas ilhas do Faial e Pico, o patriarcalismo: criados e criadas no âmbito do serviço doméstico; rendeiros e capatazes no âmbito da propriedade rural. Autores como Nunes da Rosa, Florêncio Terra, Manuel Zerbone, Rodrigo Guerra, Manuel Greaves e Tomás da Rosa dão conta dessa relação/oposição entre “os senhores do Faial” e “os feitores do Pico”; “os morgados do Faial” e “os vinhateiros do Pico”; os “barões do Faial” e “os quinteiros do Pico”; “os fidalgos do Faial” e “os caseiros do Pico”. Mas nos inícios do século XX houve uma mudança nas relações entre classes: a emancipação dos feitores do Pico em relação aos “senhores do Faial”. Vejamos como e porquê. O feitor era quem cuidava das vinhas bem como da casa de Verão e da adega do proprietário

faialense. Além disso, superintendia o recrutamento do pessoal para as vindimas e outras tarefas relacionadas com o tratamento das cepas: poda, enxofragem, sulfatagem. A decadência dos "senhores do Faial" levou à compra, por parte dos feitores do Pico, de lotes de terreno. Surgiu, assim, na fronteira da ilha montanha uma teia de minifúndios. Pequenas propriedades, solares, adegas, armazéns, casas conventuais, ermidas e outras estruturas passaram para mãos picarotas.

Resquícios desse tempo mantiveram-se nos nossos dias como é visível ainda em situações diversas e em atos de governação. Ali bem perto o Cais do Mourato esteve à espera de luz elétrica até há pouco tempo...

Só que nos dias que correm no século XXI é a água canalizada que não chega ao Cabrito e não há poços de maré disponíveis para a população como era costume de antanho.

Houve um senhor do Pico que contava que *"no fim do verão vieram homens de São Jorge ao Pico para comprarem aguardente, e o mar embraveceu, então os homens desesperados andavam em cima da rocha a olhar para o mar na esperança que o tempo mudasse. Lá em cima da rocha também andava um homem de Santa Luzia a dizer, " não se preocupem o mar vai amansar " ...os homens de São Jorge, pensando que o homem de Santa Luzia tinha poderes de adivinhar, ficaram muito excitados e disseram, " Quando senhor, quando???" " O homem de Santa Luzia que tinha o apelido de Quebranto, deitou a mão à cabeça e disse, " O mar vai amansar, mas quando não se sabe "...*

Parece-me que assim dizem os políticos do Conselho de São Roque, que tomaram o título de Capital do turismo rural, " A água vai vir para o ano que vem ...qual o ano não se sabe "

Como é zona de fartura de vinho, devem pensar que a água não é precisa...E termino com as palavras de uma residente, devidamente identificada

infelizmente e desgraçadamente esta linda zona de adegas é a única no Pico no Conselho de São Roque que ainda não tem água canalizada e potável própria para o consumo humano...por favor ajudem a propagar esta injustiça ...promessas já feitas por 10 anos...uma necessidade urgente quer moral, social e higiénica!

Chrys Chrystello, Jornalista

[MEEA/AJA (Australian Journalists' Association –

Membro Honorário Vitalício nº 2977131, 1983-2018) carteira profissional AU3804]